

Instituto de Estudos Sócio-Ambientais



UFG

ISSN 0101708X

BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA

v. 27, n. 2, jan./jun. 2007



NOTAS

“Guerra e Paz no Sertão dos Gerais”

Leandro Caitano de Magalhães – UFG
namoralcomigo@gmail.com

O título desta nota, que passa comumente como uma rima banal, denomina o acúmulo de experiências e metamórficas visões de lugar (meu lugar) que foram aflorando desde minha infância até o contemporâneo, manifestando-se num projeto de documentário.

No fim do ano de 2005 tive a oportunidade de me inscrever, como proponente de projeto de audiovisual, no Programa de Cultura do Banco do Nordeste do Brasil – edição 2006. Para minha grande surpresa, o projeto enviado foi um dos 19 selecionados para ser patrocinado pelo edital do programa.

Depois de superado o período burocrático e de contratação dos recursos, iniciei as filmagens em setembro de 2006. O palco: Correntina – oeste da Bahia (919 Km de Salvador) e fronteira com Goiás – minha cidade natal e objeto de enorme desejo desvelador. Os “atores”: os anciões e outros filhos da terra, guardiões dos segredos e belezuras evaporadas pelo Cerrado baiano.

Começava, assim, a realização de um sonho de “menino”.

O SERTÃO DOS GERAIS

“Ô meu fi, os gerais é minha vida.”

Maria de Lara (75 anos)

Desde muito pequeno ouvia os adultos falarem, frequentemente, de um certo lugar denominado de *Gerais*. Era lá onde, na época da seca, os criadores soltavam o gado para pastar em comum, pois sempre tinha capim em abundância (fundo de pasto). Tinha também muita água e a presença de animais silvestres, o que era ótimo para aqueles que tinham o hábito de caçar. No meu imaginário infantil, composto pelas falas dos adultos, esse tal lugar se montava de maneira mítica e curiosa, pois não fui criado no meio propriamente rural, como meus pais foram.

Aos poucos percebi que “os Gerais”, tão mencionado nas prosas adultas, tratava-se de um bioma importantíssimo e que o meu município possuía um rico arcabouço de culturas tradicionais, além de ter uma das maiores áreas de Cerrado intacto do Brasil. Desde então o interesse pelas manifesta-

ções de culturas tradicionais foi aumentando vinculado à minha formação popular, promovida pelos espaços de discussão na Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) da Diocese de Bom Jesus da Lapa–BA.

No ano de 2003, quando me mudei para Goiânia, iniciou-se um processo de transformação de olhar em direção à minha terra. Ocorreu que a identidade migrante aflorou um forte interesse em contribuir, de alguma maneira, para o entendimento e melhoramento da vida dos meus conterrâneos. Para isso, seria necessário entender que o oeste da Bahia está inserido num contexto de ocupação que passou, a partir da década de 1970, pelo conflito dos grileiros *versus* posseiros e atualmente assiste a chegada violenta do capital externo – manifestando-se através das grandes fazendas de monoculturas filhas do agronegócio exportador. Esse processo desestruturou o modo de vida das populações tradicionais que habitam a região do médio São Francisco desde o século XVIII e que haviam constituído um ciclo sustentável de subsistência, como nos diz Miranda:

Esse mundo – apoiado basicamente na pequena produção da família camponesa, centrada em níveis de quase subsistência, embora sempre com excedentes comercializáveis no circuito do mercado local, nas relações sociais correspondentes, mantidas em um sistema de dominação dissimulada ideologicamente por mecanismos associativos, consagrados e legitimados por instituições como o catolicismo popular, o compadrio e outros processos que foram reformulados com o tempo – é um aspecto do tradicionalismo rural de Correntina e do oeste da Bahia. (2000, p. 20)

Os Gerais da Bahia configurou-se numa região isolada do “mundo exterior” até meados do século XX. Tomando o exemplo de Correntina – aonde a luz elétrica chegou, timidamente, em 1963 e o asfalto em 1995 – notamos que as dificuldades de acesso e de contato promoveram certo grau de auto-suficiência chamado por Miranda (2002) de *Época de Ouro do Corrente*, período que teve seu apogeu nas décadas de 1920 a 1940. De acordo com o autor e os próprios moradores entrevistados para o documentário, o algodão era básico para a manutenção de um ciclo sustentável no oeste baiano, além do predomínio da agricultura familiar regada pelos rios cristalinos que formam a Bacia do Rio Corrente. Produzia-se quase tudo, menos sal e ferro. O povo dos Gerais já realizava *desenvolvimento sustentável* antes mesmo deste termo vir à tona nas discussões ambientais do fim do século XX.

O status de *Sertão*, portanto, pode ser atribuído aos Gerais baiano no sentido tanto de Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*) quanto de Euclides da Cunha (*Os Sertões*). Enquanto na visão do primeiro podemos conside-

rar o sistema biogeográfico e poético, no segundo herdamos a classificação cultural e isolacionista. Porém, há de se considerar, também, a perspectiva dos sertanejos como nos elucida Almeida:

Esse fato me permite ensejar nesta reflexão um duplo enquadramento para dar elementos e sentido às práticas culturais sobre o sertão: o primeiro quadro é uma visão do sertão elaborado pelos “de fora”, viajantes e cronistas cujas narrativas destinavam-se a saciar a curiosidade de outros e a ensinar o que havia no Brasil; o segundo quadro resgata os sertões enquanto lugar, espaço de experiência e vivência dos sertanejos, os “de dentro”. (2003, p.71)

No projeto de documentário “Guerra e Paz no Sertão dos Gerais”, sem dúvida o sertão “de dentro” veio à tona num *mix* de sentimentos adquiridos com a minha saída para Goiânia. Assim, como propõe a autora, procuro harmonizar - no documentário - o sertão “de dentro” e o de “de fora” apresentando uma visão de “Sertão dos Gerais” a partir da memória comum e particular dos *sertanejos*. Essa tão importante memória se apresenta desde as manifestações de culturas tradicionais (Encomendação de Almas, Reisados, Festas Religiosas, etc...) até as letras das *chulas* e *cocos* compostas pelo povo dos Gerais.

A PAZ

“Xô arara, xô sofrer, ieu vô
morar onde a arara vai beber.”
Virgínia M^a Caetano (90 anos)

Herdeiros de um período histórico especial, os idosos de Correntina (como em qualquer outro lugar) constituem um patrimônio imaterial de enorme relevância. Um fato importante é a alta faixa etária desse público no município correntinense. Tive o privilégio de entrevistar idosos de até 110 anos e devido a isso se faz necessário a urgência do registro da memória verbalizada desses senhores e senhoras do Cerrado baiano. A partir do contato que tive com o público idoso nas filmagens e visitas, viajei nas histórias e me emocionei na beleza dos depoimentos. É como nos diz Gomes:

Quando penetramos no universo dos *gerais da Bahia*, percorrendo os povoados, as vilas, as antigas sedes de fazendas, conversando com as pessoas, principalmente as mais idosas, o passado retorna vivo na fala do narrador. É como se fosse um rosário com as contas sendo repassadas. A história oral registrada fornece-

nos um mundo de indagações sobre as situações vividas, materialmente e subjetivamente, pelos personagens históricos e estóricos do passado. (2003, p.39)

Com o álibe de estar sempre acompanhado de mainha ou painho, os encontros que tive com os idosos estabeleceram-se, para eles, como uma prosa de conhecidos e para mim como uma chance ímpar de conhecer o universo encantador dos legítimos filhos do Cerrado baiano.

Dessa maneira, pude também sentir o peso do legado constituído por alguns grupos familiares que ali se estabeleceram e obtiveram o poder através do coronelismo. Porém, mesmo levando em conta esse contexto de relação senhorial promovido pelos coronéis dos Gerais é certo que essa habitação vinda do leste (rio São Francisco e litoral) não ultrapassou a latitude que hoje corresponde a das cidades tradicionais do oeste da Bahia (Formosa do Rio Preto, Barreiras, São Desidério, Correntina, etc...). "O comportamento do espaço depende tanto das ações passadas como das ações atuais" (Santos, 1996, p.189), nesse sentido, o limite latitudinal onde encontram-se essas cidades foi fato relevante para que ocorresse certa preservação ambiental do Cerrado baiano, pois a habitação no "fundo" dos Gerais se deu pela aparição de comunidades tradicionais ribeirinhas. Como fruto dessas comunidades, os anciões são os mensageiros que ainda guardam consigo um clamor de harmonia e ao mesmo tempo de desentendimento do que está havendo com os tempos atuais...

A mensagem de paz – transmitida pela sabedoria dos idosos – compõe distintas concepções do que se trata esse sentimento. Na visão do nosso documentário, a paz é representada pela íntima relação dos anciões com o bioma Cerrado desvelada pelos causos, pela saudade dos compadres e comadres, pelas músicas cantadas, pelos antigos afazeres e pelas manifestações culturais guardadas por eles. Mas, o fato é que todos representam, através de suas trajetórias de vida e noção de mundo, uma verdadeira manifestação de PAZ.

A GUERRA

"Fumo lá de facão e machado
e botemo a cerca no chão!

A gente tem que lutar pelo que é
da gente. Senão é engolido né?"

Anália Cardoso (66 anos)

A ocupação humana no oeste baiano ultrapassa os registros de 11 mil anos com a presença comprovada de grupos indígenas (BARBOSA, 2002). A partir da chegada dos Bandeirantes e Entradistas no século XVIII os descendentes dessas nações foram praticamente extintos dos Gerais. Desde essa época, então, iniciou-se o processo de chegada dos grupos familiares tradicionais na região movidos pela busca do ouro e posteriormente pela criação de gado (era dos currais) e agricultura de subsistência (sociedade de regadio) (MIRANDA, 2000).

A região de Correntina, banhada por vários rios (Rio do Meio, Arrojado, Rio das Éguas, Formoso, etc...) atraiu grande número de flagelados da seca do fim do século XIX vindos da região onde hoje se encontra o município de Brotas de Macaúbas–BA. Vale ressaltar os diversos depoimentos que colhi entre os idosos citando essa seca como motivadora da chegada de seus pais e avós na região tornando-se posseiros da nova terra. Esse composto de populações contribuiu para um enorme potencial criativo e cultural fincado no chão do “Sertão dos Gerais”, movimentando um fluxo de manifestações oriundas de diversas partes do nordeste brasileiro e ali convergidas sob as rédeas dos coronéis das oligarquias do oeste.

Nota-se então que o oeste da Bahia foi berço de um modo de vida estável entre os seus habitantes e o bioma Cerrado. Isso funcionou até a década de 1970 quando – por incentivo do governo federal – chegaram à região projetos como o PRODECER (Programa de Desenvolvimento do Cerrado) que promoveram a estruturação de empresas **reflorestadoras** na região. A lógica foi de derrubar grandes áreas para plantar pinos e eucaliptos. Os projetos foram dados como falidos e a catástrofe ambiental é sentida hoje pelo povo com a morte de dezenas de pequenos rios. Nessa mesma época a **grilagem** de terras foi muito forte. Esse mecanismo de opressão foi utilizado por várias pessoas aproveitando-se do contexto de simplicidade e analfabetismo da população ribeirinha (posseiros) e, principalmente, do fato daquela região ser constituída por terras devolutas. Associada a chegada de grandes fazendeiros e empresas, as grilagens promoveram um caldeirão de conflitos no oeste baiano. Houve várias mortes em consequência da resistência por parte dos posseiros. Como exemplo vale lembrar o assassinato do lavrador Zeca de Rosa (José Pereira de Souza) ocorrido em 1983 na comunidade de Mutum, município de Santa M^a da Vitória–BA. Seu filho, Gercílio Pereira de Souza, nos diz:

“O Nazinho saltou no chão
E em duas armas agarrou
Entregou uma ao grileiro
E com a outra ficou.
O grileiro de arma apontada
Sem a turma falar nada
Em Zeca de Rosa atirou.”
(1993, p.20)

Esse clima dicotômico entre o meio tradicional e o “moderno” pairou desde então o cotidiano da população dos Gerais baiano. A partir de meados da década de 1990 a região torna ser alvo de novos projetos “desenvolvimentistas”, agora maquiados pelo discurso da produção de alimentos através das **monoculturas** de grãos e frutas. Em consequência disso mais áreas de Cerrado foram derrubadas para que acontecessem as plantações, além da instalação de pivotes *sanguessugas* no curso dos rios para a irrigação das mesmas. Um conflito de ideologias é então estabelecido:

“*Os que vieram de fora*”, como enfoca um pequeno agricultor do cerrado baiano, constituem-se nos agricultores da grande produção agrícola com vistas ao mercado externo. Sua relação com a natureza não se inscreve nos mesmos valores do *homem do cerrado*, cuja forma de produzir sempre se pautou em alguns princípios de utilização do solo que preservava nascentes, matas fechadas, margens dos córregos, várzeas e vales, as veredas ou os *Gerais*, como denomina na cultura nordestina. Estes espaços se constituíam em reservas naturais e em recursos econômicos utilizados para a produção familiar. (LABAIG, 2003, p.40)

A produção ilegal de **carvão** e o **trabalho escravo** são outras realidades tristes verificadas hoje no oeste baiano. Em entrevista com Julita Abreu, integrante da CPT (Comissão Pastoral da Terra) da Diocese de Bom Jesus da Lapa-BA, foi revelado por ela que em 2005 mais de 500 trabalhadores foram libertos, ao todo, em 04 fazendas no município de Correntina. A “Fazenda Agrícola Tabuleiro” (Correntina) está inserida na lista suja de trabalho escravo divulgada em março de 2007 e, de acordo com os dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho), nesta fazenda foram soltos 259 trabalhadores. Outro município do oeste baiano que integra a lista suja é São Desidério, isso se dá através das fazendas “Roda Velha Agro Industrial Ltda” e “Laranjeiras I” onde foram encontrados, ao todo, 784 trabalhadores em situações análogas a de escravidão.

Nesse processo de “modernização” e chegada do agronegócio na região passam a habitar os Gerais da Bahia os grupos constituídos, em sua

maioria, por sulistas e paulistas – denominados pelos nativos de “gaúchos” (HAESBAERT, 1997). Assim, como nos é dado o exemplo da constituição da cidade de Luiz Eduardo Magalhães (antiga Mimoso do Oeste) em Barreiras–BA, a fiação e busca pela independência política a partir desses grupos vem ocorrendo de uma maneira avassaladora. É o que está acontecendo no distrito de Roda Velha município de São Desidério e mais recentemente em Correntina com a proposta de construção da “Cidade Treviso” entre a sede do município e o povoado de “Posto Rosário”.

Pautados na utilização dos recursos naturais do Cerrado, os conflitos atuais no oeste da Bahia configuram, talvez, a mais óbvia manifestação a nível nacional de encontro de diferentes culturas num mesmo território e disputa pelo poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Água não quer briga. A água não pertence a destruição.

E a mão-de-obra do homi é que sempre a persegue né?

A mão-de-obra do homi é que mais destrói a própria vida da natureza.”

Fugêncio Ferreira (80 anos)

No atual cenário mundial, onde cada vez mais é preocupante as condições das fontes de água doce, não se pode deixar de considerar a importância do Cerrado na sustentação das Bacias Hidrográficas brasileiras. No caso do oeste baiano – que é responsável, através das Bacias do Rios Carinhonha, Corrente e Grande, pela chegada do Rio São Francisco ao mar – é ainda mais complicado se falar em abertura de novos aglomerados urbanos e exploração exacerbada dos recursos naturais.

Assim, a intenção do projeto de documentário “Guerra e Paz no Sertão dos Gerais” é de desmistificar o “progresso” incutido na região oeste da Bahia e, ao mesmo tempo, valorizar a cultura tradicional – bela e rica – ainda encontrada por ali, fortalecendo o apelo ambiental.

Além de lançar publicamente em Correntina, distribuirei cópias do documentário para as escolas do município.

Um grito de socorro – em prol do resto de Cerrado baiano – “geme” no Sertão...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em Busca do Poético do Sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda.; RATTS, Alecsandro J. P. (Orgs.). *Geografia: Leituras Culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 71-88.

BARBOSA, Altair Sales. *Andarilhos da Claridade: os primeiros habitantes do cerrado*. Goiânia: Ed. UCG, 2002.

GOMES, Horieste. Importância da Pesquisa do Baú nos Gerais da Bahia. *Anuário de Divulgação do Museu de História Natural Raimundo Sales*. Goiânia: Ed. UCG, 2003, p.36-39.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste*. Niterói: EdUFF, 1997.

LABAIG, Henrique. O Território da Agricultura Familiar (AF) no Cerrado: o caso de Correntina. *Anuário de Divulgação do Museu de História Natural Raimundo Sales*. Goiânia: Ed. UCG, 2003. p. 40-45.

MIRANDA, Avelino Fernandes. *A Época de Ouro do Corrente: Tempos (re)construídos*. Goiânia: Ed. UCG, 2002.

MIRANDA, Avelino Fernandes. *Tradicionalismo e Modernização*. Goiânia: Ed. UCG, 2000.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, Gercílio Pereira. *Na Luta pela Terra Tombou o Lavrador Zeca de Rosa*. Correntina: mimeo, 1993.

http://www.oitbrasil.org.br/trabalho_forcado/index.php acessado em 20/05/07 às 15h36.

LEANDRO CAITANO DE MAGALHÃES – Licenciando em Geografia pelo IESA/UFG e bolsista do PET (Programa de Educação Tutorial).